

CAPÍTULO 3

A DIMENSÃO EMOCIONAL NOS CUIDADOS PALIATIVOS ONCOLÓGICOS: DESAFIOS PARA ENFERMEIROS E PACIENTES

Edvania Aparecida Gabaldo

Graduanda em Psicologia – UNIRP

Emanuelle Gabriela Martinez

Graduanda em Psicologia – UNIRP

Nathalia Pinheiro

Graduanda em Psicologia – UNIRP

Tiago Moreno Lopes Roberto

Graduado em Psicologia e Pedagogia; Mestre em Psicologia da Saúde, Especialista em Saúde Mental, Especialista em Análise do Comportamento Aplicada (ABA), Doutorando em Ciências da Saúde (FAMERP), Gestor de Políticas Acadêmicas da Faculdade FUTURA, Docente no Curso de Psicologia e Odontologia (UNIRP).

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5689-7468>

A psicologia hospitalar, especialmente no contexto dos cuidados paliativos oncológicos, tem como foco oferecer suporte emocional tanto aos pacientes quanto à equipe de saúde envolvida no tratamento. A equipe de enfermagem que lida com pacientes em estado terminal enfrenta grandes desafios emocionais, e a psicologia é responsável pela manutenção da saúde mental desses profissionais (Pereira et al. 2020).

Segundo Siqueira (2018), no âmbito dos cuidados paliativos, o sofrimento emocional dos profissionais de enfermagem também está relacionado às expectativas e limitações impostas pela terminalidade da vida. Os enfermeiros que atuam com pacientes oncológicos em fase paliativa frequentemente experienciam sentimentos de impotência e frustração por não conseguirem alterar o curso da doença, é uma experiência que muitas vezes desencadeia estresse psíquico, o que reforça a necessidade de intervenções psicológicas que ajudem esses profissionais a lidarem com a carga emocional do seu trabalho, promovendo um ambiente mais acolhedor e resiliente para toda a equipe. Conforme mencionado por Silva e Bacaicoa (2012), para os pacientes, o suporte emocional possui um papel igualmente significativo, pois além de lidar com o processo físico da doença, eles enfrentam questões profundas de ordem existencial, para isso o psicólogo contribui auxiliando na ressignificação da vida e da morte, proporcionando ao paciente uma melhor qualidade de vida até o fim.

Contudo, o presente trabalho tem como objetivo analisar a dimensão emocional nos cuidados paliativos oncológicos, explorando os desafios

enfrentados tanto pelos enfermeiros quanto pelos pacientes. Busca-se, ainda, investigar as estratégias psicológicas aplicadas no contexto hospitalar para minimizar o impacto emocional sobre esses indivíduos, com vistas a proporcionar uma melhor qualidade de vida e um ambiente de trabalho mais saudável.

A psicologia hospitalar, no âmbito dos cuidados paliativos oncológicos, tem como objetivo oferecer suporte emocional e psicológico tanto para os pacientes quanto para os profissionais de saúde que os assistem. A definição da Organização Mundial da Saúde (OMS) estabelece que os cuidados paliativos buscam aumentar a qualidade de vida dos pacientes em estado terminal, abordando os sintomas físicos, aspectos emocionais, sociais e espirituais (Silva & Bacaicoa, 2012). A teoria da inteligência emocional, apresentada por Salovey e Mayer (1990) e posteriormente ampliada por Goleman (1995), é uma base importante para a psicologia aplicada a esses contextos, onde o conceito de inteligência emocional, que envolve a capacidade de identificar, compreender e gerenciar emoções, é destacado como uma competência indispensável para profissionais de saúde, particularmente enfermeiros, que enfrentam diariamente a dor e o sofrimento dos pacientes. A inteligência emocional auxilia esses profissionais a gerenciarem o estresse e a sobrecarga emocional, permitindo uma atuação mais equilibrada e reflexiva no ambiente de cuidados paliativos.

Segundo esclarece Siqueira (2018), a grande maioria dos enfermeiros enfrentam uma carga emocional intensa ao lidar com o sofrimento e a morte dos pacientes, devido a constante exposição à terminalidade da vida que tende a gerar impactos psíquicos significativos nos profissionais, manifestados em sentimentos de impotência e frustração, além de contribuir para o desenvolvimento de *burnout*. A falta de suporte emocional adequado, conforme aponta a literatura, agrava esse cenário, prejudicando tanto a saúde mental dos enfermeiros quanto a qualidade da assistência prestada. A literatura também evidencia a relevância da assistência psicológica no apoio aos pacientes em cuidados paliativos. Pereira et al. (2020) enfatizam que o trabalho dos psicólogos hospitalares ajuda os pacientes a ressignificarem seu sofrimento, proporcionando um espaço para expressarem suas angústias e lidarem com a proximidade da morte. Contudo, a integração da psicologia ao cuidado paliativo permite uma abordagem que vai além dos aspectos físicos da doença, oferecendo uma assistência que considera as dimensões emocionais e existenciais, assim como o trabalho interdisciplinar é importante para uma abordagem integral e colaborativa, embora a literatura aponte para a necessidade de mais estudos que explorem o papel específico do psicólogo nas equipes de cuidados paliativos (Ferreira et al, 2011). Conforme apontado por Araújo et al. (2012), para mitigar a sobrecarga emocional vivenciada pelos enfermeiros que atuam em cuidados paliativos oncológicos, a psicologia hospitalar propõe a implementação de estratégias de inteligência emocional e suporte psicológico contínuo. A

inteligência emocional, possibilita que os profissionais desenvolvam a capacidade de gerenciar suas emoções de maneira mais adaptativa, enfrentando melhor os desafios diários do trabalho com pacientes em estado terminal. Ao fomentar habilidades como autoconsciência e autocontrole, os enfermeiros podem lidar com o estresse e a angústia de forma mais saudável, minimizando os impactos do burnout.

Outro recurso importante é a criação de espaços para discussões e rodas de conversa, que permitem a troca de experiências e o acolhimento emocional entre os membros da equipe, essas práticas facilitam a criação de um ambiente de trabalho mais coeso e colaborativo, no qual os profissionais se sentem mais confortáveis em compartilhar suas frustrações e desafios. A supervisão psicológica periódica também é recomendada como uma ferramenta de suporte emocional, oferecendo um espaço seguro para que os enfermeiros reflitam sobre seus sentimentos, identifiquem suas limitações e trabalhem estratégias de enfrentamento (Pereira et al. 2020).

Segundo Silva e Bacaicoa (2012), no que se refere aos pacientes oncológicos em cuidados paliativos, é preciso que a psicologia hospitalar auxilie na ressignificação do sofrimento e na busca de sentido para a vida, mesmo diante da proximidade da morte. Os psicólogos devem trabalhar com o paciente no desenvolvimento de recursos emocionais e espirituais que possam aliviar o peso da doença e proporcionar maior tranquilidade no enfrentamento da terminalidade. A terapia de apoio e intervenções focadas no fortalecimento do suporte familiar proporcionam ao paciente um espaço onde suas angústias e medos possam ser expressos de forma aberta.

Por fim, a literatura aponta que a inclusão dos familiares no acompanhamento emocional do paciente pode reduzir a ansiedade e o sofrimento tanto do paciente quanto dos próprios cuidadores. Siqueira (2018) reforça que a comunicação aberta e a participação ativa dos familiares nas decisões sobre o cuidado oferecem um suporte emocional mais sólido, ajudando a lidar com os aspectos emocionais e práticos da terminalidade. Dessa forma, a psicologia hospitalar cumpre um papel na mediação dessas relações e na criação de um ambiente terapêutico acolhedor para todos os envolvidos.

Este estudo foi conduzido por meio de uma revisão integrativa de literatura, com o objetivo de reunir e analisar pesquisas já publicadas sobre a dimensão emocional nos cuidados paliativos oncológicos. A busca por artigos foi realizada em bases de dados como SciELO, PubMed e BVS, utilizando descritores relacionados a "cuidados paliativos", "saúde emocional", "enfermeiros" e "psicologia hospitalar". Foram incluídos artigos publicados nos últimos dez anos, disponíveis apenas em português, cujos critérios de inclusão consideraram estudos que abordassem tanto o impacto emocional nos profissionais de enfermagem quanto nos pacientes oncológicos em cuidados paliativos. Após a seleção, os dados foram analisados qualitativamente, agrupando as principais temáticas e intervenções propostas nos estudos selecionados. A atuação da psicologia hospitalar nos cuidados

paliativos oncológicos exige uma abordagem complexa e profundamente humanizada, devido às características emocionais e psicológicas que permeiam tanto o trabalho dos enfermeiros quanto a vivência dos pacientes.

O impacto emocional dos profissionais de saúde que lidam diariamente com a terminalidade da vida não pode ser subestimado. Siqueira (2018) aponta que a sobrecarga emocional enfrentada pelos enfermeiros, associada à proximidade constante com a morte e o sofrimento, gera um ambiente propenso ao desenvolvimento de *burnout* e estresse psíquico, afetando a qualidade do cuidado prestado e a saúde mental desses profissionais. Nesse sentido, a inteligência emocional surge como uma competência-chave para a manutenção do equilíbrio psicológico, permitindo que os enfermeiros lidem com as demandas emocionais impostas pelo cuidado paliativo.

Segundo discorre Araújo et al. (2012), o conceito de inteligência emocional, originalmente proposto por Salovey e Mayer (1990) e amplamente difundido por Goleman (1995), aplica-se de maneira significativa ao ambiente hospitalar, especialmente em situações que envolvem a terminalidade. A capacidade de identificar e regular emoções, tanto próprias quanto dos outros, possibilita que os profissionais de saúde desenvolvam uma maior resistência às adversidades emocionais do cotidiano hospitalar.

As habilidades emocionais, quando bem desenvolvidas, permitem aos enfermeiros uma maior adaptabilidade às situações de estresse e perda, facilitando a construção de um ambiente de trabalho mais colaborativo e menos suscetível à exaustão emocional. No entanto, a inteligência emocional, por si só, não é suficiente para mitigar os impactos emocionais dos cuidados paliativos oncológicos, é necessária uma intervenção mais ampla, que inclua o suporte psicológico contínuo aos profissionais. A literatura revisada destaca a importância de espaços de supervisão e rodas de conversa entre os membros da equipe, onde possam refletir sobre suas experiências e compartilhar suas angústias de forma segura e sem julgamento.

Pereira et al. (2020) afirmam que essas práticas de supervisão emocional, ao estimularem um ambiente de diálogo aberto, passam a contribuir para a criação de um espaço de resiliência e suporte mútuo. Contudo, a supervisão psicológica regular também se mostrou uma prática importante para a prevenção do esgotamento psíquico, permitindo que os profissionais elaborassem o luto, o sofrimento e as frustrações acumuladas durante a rotina hospitalar.

Do ponto de vista do paciente, a psicologia hospitalar possui uma função igualmente complexa, que em cuidados paliativos, a atenção à dimensão emocional e espiritual do paciente é indispensável para oferecer um cuidado integral que vá além do controle de sintomas físicos. Silva e Bacaíco (2012) destacam que, para os pacientes oncológicos, a resignificação do sofrimento e a busca por um sentido maior na vida, mesmo diante da proximidade da morte, são importantes para que possam enfrentar essa fase de maneira menos angustiante. A terapia de apoio oferecida pelos

psicólogos, ao proporcionar um espaço para a expressão de medos e ansiedades, ela ajuda os pacientes a lidarem melhor com a terminalidade, favorecendo um enfrentamento mais tranquilo e alinhado com suas necessidades emocionais.

Outro aspecto relevante discutido na literatura é o envolvimento da família no processo de cuidado, pois a participação ativa dos familiares na jornada do paciente terminal proporciona suporte emocional ao paciente, ao mesmo tempo que oferece aos próprios familiares uma forma de lidar com o luto antecipado. Siqueira (2018) esclarece que a psicologia hospitalar pode mediar essa relação, ajudando a estabelecer uma comunicação mais clara entre o paciente, seus familiares e a equipe de saúde. A inclusão da família no processo decisório sobre o cuidado faz com que todos os envolvidos se sintam mais confortáveis e acolhidos, diminuindo o isolamento emocional que muitas vezes acompanha a doença terminal.

Assim, a discussão em torno das estratégias de mitigação da sobrecarga emocional, tanto para enfermeiros quanto para pacientes, revela a importância de uma abordagem psicossocial integrada. A psicologia hospitalar, ao atuar como mediadora dessas dinâmicas emocionais, contribui para a qualidade do cuidado, melhorando o espaço onde as emoções podem ser expressas, elaboradas e compreendidas dentro de um contexto seguro e acolhedor. Entretanto, o desafio está em construir intervenções que sejam contínuas e adaptadas às necessidades individuais de cada grupo, promovendo o bem-estar e a saúde emocional no ambiente hospitalar de cuidados paliativos.

O presente estudo revisou as principais estratégias utilizadas para mitigar a sobrecarga emocional enfrentada por enfermeiros e pacientes oncológicos em cuidados paliativos, os achados demonstraram que a inteligência emocional, associada ao suporte psicológico contínuo, é uma ferramenta eficaz para o manejo do estresse e do desgaste emocional dos profissionais de enfermagem. As práticas de supervisão psicológica e a criação de espaços de diálogo entre os membros da equipe de saúde mostraram-se formas importantes de reduzir o impacto do *burnout* e melhorar a coesão entre os profissionais.

Para os pacientes, a ressignificação do sofrimento e a abordagem integrada que inclui suporte espiritual e familiar foram identificadas como fundamentais para melhorar a qualidade de vida nos estágios terminais. Logo, a inserção de psicólogos em equipes multidisciplinares em cuidados paliativos favorece o bem-estar emocional dos profissionais, e contribui para um atendimento mais humano e integral aos pacientes. A atuação psicoterapêutica, ao trabalhar o enfrentamento das questões existenciais dos pacientes, possibilita uma maior aceitação da terminalidade e maior alívio emocional, impactando diretamente na qualidade do cuidado prestado.

Portanto, compreende-se concluindo que, a integração da psicologia ao cuidado hospitalar auxilia no manejo dos desafios emocionais que emergem no contexto dos cuidados paliativos oncológicos, tanto os

profissionais de saúde quanto os pacientes se beneficiam de uma abordagem que valoriza o bem-estar emocional como parte integrante do processo de tratamento.

PALAVRAS-CHAVE: Psicologia Hospitalar, Cuidados Paliativos, Estresse Emocional, Suporte Psicológico.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, Monica Martins Trovo de et al. Inteligência emocional no trabalho em equipe em cuidados paliativos. **Bioethikos**, v. 6, n. 1, p. 58-65, 2012 Tradução. Disponível em: <http://www.saocamilo-sp.br/pdf/bioethikos/91/a06.pdf>.

PEREIRA, Eliane Ramos. O sentido da vida dos enfermeiros no trabalho em cuidados paliativos: revisão integrativa de literatura. **Rev. eletrônica enferm**; 22: 1-12, 2020. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fen/article/view/56169>

SILVA, Silvana Nunes; BACAICOA, Maria Helena. A saúde mental do enfermeiro paliativista. **Revista da Universidade Ibirapuera** - Universidade Ibirapuera. São Paulo, v. 3, p. 45-49, jan/jul. 2012. Disponível em: <https://www.ibirapuera.br/seer/index.php/rev/article/view/39>

SIQUEIRA, Alex Sandro de Azeredo. Sofrimento psíquico dos enfermeiros na assistência de enfermagem em cuidados paliativos oncológicos. **Universidade Federal Fluminense**, Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/bitstream/handle/1/7232/Alex%20Sandro%20de%20Azeredo%20Siqueira.pdf?sequence=1>

INCA, Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva. **Psicologia em cuidados paliativos em oncologia**: plano de curso. INCA, Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: https://www.inca.gov.br/sites/ufu.sti.inca.local/files//media/document/plano_de_curso_psicologia_em_cuidados_paliativos.pdf